



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9017 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

## PODER PASTORAL E AUTOGOVERNO NA CONDUÇÃO DE UM REBANHO EM UM CURRÍCULO MÉDICO

Raimundo Rodrigues de França Junior - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Marlécio Maknamara - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

## PODER PASTORAL E AUTOGOVERNO NA CONDUÇÃO DE UM REBANHO EM UM CURRÍCULO MÉDICO

**Resumo:** Este trabalho parte do pressuposto de que o currículo de medicina de uma universidade pública federal, através do dispositivo da medicina engajada, movimenta toda uma maquinaria para regular a conduta discente. Fundamentado nas teorias pós-críticas da educação, argumenta que para garantir essa regulação, esse dispositivo aciona no currículo técnicas de si que são integradas a um exercício de poder do tipo pastoral. O objetivo é valer-se do conceito de poder pastoral para analisar o problema do governo (de si) junto aos/as discentes do curso. São analisados fragmentos discursivos em circulação no currículo oficial e em ação, e nas sessões de grupos focais realizadas com discentes do referido curso, mediante emprego de elementos da análise do discurso de inspiração foucaultiana. Evidenciou-se que por meio de estratégias do poder pastoral e técnicas de si, são reguladas e produzidas experiências que o/a discente tem de si mesmo/a como sujeito dito autônomo/a/ativo/a. Concluiu-se que o/a discente constitui sua experiência como sujeito autônomo/ativo à medida que é sujeitado/a a uma verdade sobre si e sobre seu processo formativo.

**Palavras-chave:** Podre pastoral, autogoverno, currículo médico.

### Introdução

É recorrente encontrarmos no vocabulário pedagógico empregado no Currículo de Medicina de uma Instituição de Ensino Superior (IES) termos que implicam algum tipo de relação do/a discente consigo mesmo/a, tai como: “desenvolvimento da capacidade de **autoavaliação** e da **participação consciente**”; “**aprendizado autoconduzido**” (p. 44 e 189, IES, 2017). Esses termos indicam *práticas de si* em um sentido foucaultiano. Acontece de no currículo de medicina da IES essas práticas que os/as discentes realizam sobre si mesmos/as serem sempre capturadas (LARROSA, 1994) pelas estratégias do dispositivo da medicina engajada.

Esse dispositivo tem como objetivo demandar, constituir e controlar as subjetividades desses sujeitos, um processo similar ao que Rose (1998) definiu como regulação das capacidades subjetivas. Dito isso, **o argumento desenvolvido neste trabalho** é o de que, para garantir essa regulação das capacidades subjetivas discentes, o dispositivo da medicina engajada aciona no currículo de medicina da IES estratégias e técnicas de si que são integradas a um exercício de poder do tipo pastoral. Por essas estratégias esse dispositivo desencadeia modos de relação que o/a discente deve ter consigo mesmo/a no sentido de que possa reconhecer-se como **sujeito autônomo, ativo e engajado**.

É, portanto, **objetivo deste trabalho**, valer-se do conceito de poder pastoral (FOUCAULT, 1995) para analisar o problema do governo (de si) junto aos/as discentes do currículo de medicina da IES. Para dar conta do objetivo aqui planteado, foram produzidas informações a partir de ditos em circulação no currículo oficial e em ação (SANTOS e PARAÍSO, 1996) do curso de graduação em medicina da IES, bem como nas sessões de grupo focal realizadas com discentes do referido curso. As informações produzidas foram analisadas mediante emprego de elementos da análise do discurso de inspiração foucaultiana. Na sequência realizamos explorações conceituais em torno das relações entre o poder pastoral, as técnicas de si/eu e o governo (de si) na obra de Foucault.

### 1.1 Poder pastoral, técnicas de si e governo (de si)

Avaliar-se, conscientizar-se, conduzir-se: esses termos estão presentes no currículo de medicina da IES, e remetem a uma experiência subjetiva do/a discente em uma aproximação ao que Foucault (2013) entendeu por *si mesmo*, isto é, um “tipo de relação que o ser humano enquanto sujeito pode ter e nutrir com ele mesmo” (p. 131). Tal relação parece “quintessencialmente pessoal”, constituinte do mais íntimo eu, “mas ela é profundamente enganadora” (ROSE, 1998, p. 32). A relação que esse/a discente estabelece com si mesmo/a no currículo não é uma questão privada, pelo contrário, esse *si mesmo* discente é administrado nos mínimos detalhes e intensivamente governando (ROSE, 1998).

Dito isso, o termo “governo” deve ser entendido aqui como o “controle que se pode exercer sobre si mesmo e sobre os outros, sobre seu corpo, mas também sobre sua alma e sua maneira de agir” (FOUCAULT, 2008, p. 164). O governo deve ser pensado neste trabalho em termos de uma sujeição discente a uma verdade sobre si mesmo/a e sobre seu processo de autoaprendizagem. Essas operações que envolvem o discente consigo mesmo são reguladas no currículo pelo dispositivo da medicina engajada.

Como orientado por Foucault (1997), um dispositivo desencadeia modos do sujeito “regular sua conduta, de se fixar a si mesmo fins e meios [...] exercendo ações onde se é o objetivo dessas ações, o domínio em que elas se aplicam, o instrumento ao qual podem recorrer e o sujeito que age” (p. 112 e 110). Portanto, as práticas de si discentes operam no currículo de medicina da IES como alvo das técnicas de si – acionadas por esse dispositivo -, isto é, como alvo dos “[...] os procedimentos [...] prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si” (Foucault, 1997, p. 109).

Ao integrar-se no exercício do poder pastoral, essas técnicas tem por finalidade “não decifrar uma verdade oculta nas profundezas do indivíduo”, mas sim “dar força à verdade no indivíduo [...] é constituir o eu como unidade ideal de vontade de verdade” (FOUCAULT, 1993, p. 214). Sobre o poder pastoral, vale ressaltar que todo um investimento do currículo de medicina da IES em um poder benfazejo, totalizante e individualizante, que cuida, que zela e que salva (FOUCAULT, 2008), tem como propósito conduzir e intermediar os/as discentes -

como ovelhas, e como um rebanho em movimento - para um objetivo e uma redenção, como sinalizou Foucault (2008) a respeito do horizonte desse poder.

Ao acionar técnicas de si para conduzir os/as discentes no currículo, o poder pastoral governa esses sujeitos de maneira que eles/as aceitem esse poder, tomem seus efeitos como necessários – portanto, não há uma imposição! - e possam governar a si mesmos/as, no sentido de exercer um autodomínio, um autocontrole de si. É, portanto, com a intenção de evidenciar esse processo de condução/direção, esse governo (de si) discente no currículo, que propomos no tópico a seguir uma análise da prática da tutoria que ganha centralidade no currículo aqui analisado.

## 1.2 A condução do rebanho no currículo

A condução discente no conjunto, isto é, como rebanho, acontece no interior da prática da tutoria. No currículo aqui em tela, a tutoria corresponde a “pequenos grupos, tradicionalmente compostos por 8 a 10 acadêmicos e um tutor” (IES, 2018, p. 11). Ela é oficialmente apresentada como baseada e organizada na concepção pedagógica de ensino centrado no/a estudante – sujeito da aprendizagem - e apoiado pelo/a professor/a – facilitador/mediador desse processo (IES, 2017).

É pela prática da tutoria que a metáfora foucaultiana do/a pastor/a e seu rebanho melhor se aplica no currículo. É a partir do grupo tutorial que podemos falar em condução de um rebanho em deslocamento no currículo por um/a tutor/a/pastor/a, que guia os/as discentes em seus processos de autoaprendizagem. Isso fica evidente quando escutamos dos/as discentes do curso os seguintes depoimentos:

- No início a gente não tem noção do que é mais importante para a gente, mas a tutoria e o tutor nos ensinam a priorizar [...] o tutor nos ensinou que o importante é saber o essencial e saber aplicar isso na prática clínica (Disc. 2, 6P);
- Se o direcionamento não for dado a gente se perde mesmo (Disc. 10, 2P).

Os excertos de fala discente evidenciam o fato de que mesmo em uma prática que retoricamente se dispõe a centrar o/a aluno/a no processo de aprendizagem, a figura do/a tutor/a é imprescindível. O/a tutor/a conduz um conjunto de discentes reunidos em um pequeno grupo. O/a tutor/a é aquele/a que guia, que norteia, é quem faz a mediação do autoaprendizado discente. Ele/a aponta o que estudar, direciona o foco, ensina a priorizar, ensina a saber o essencial, ensina a saber aplicar na prática, norteia e faz mediação, intervém e, assim... evita a perdição!

Pela presença e centralidade que o/a tutor/a assume na tutoria, é possível problematizar o discurso da autonomia presente no currículo, no sentido de entendê-lo como algo similar ao que Candiotta (2011, p. 471) definiu como “uma insidiosa tentativa [...] de modelação”, isto é, de controle da subjetividade discente pelo poder pastoral. Ao compreender a intenção discursiva da autonomia desse modo, é possível afirmar que as decisões discentes são tomadas pela sujeição às vontades de outrem, a do/a pastor/a: só depois de sua ação e de sua palavra é que é possível ao/a discente nomear a si mesmo como responsável pelo próprio aprendizado, em um processo que aqui o caracterizamos como sendo de heteronomia.

Portanto, o/a discente não é autônomo/a em seu processo de autoaprendizagem! Quando o currículo de medicina da IES defende a formação de um sujeito capaz de aprender por si mesmo, o que temos é, na verdade, o correlato de um controle intenso das possibilidades de autoaprendizagem. Essa tentativa de modelação/controla da subjetividade pelo discurso da autonomia fica ainda mais evidente quando analisamos a situação-problema, instrumento por meio do qual se integra a técnica (de si) da **automação criativa**.

### *A situação-problema*

No grupo tutorial os/as discentes são apresentados/as a um texto contendo uma situação-problema previamente elaborada pelos/as tutores/as, com objetivos de aprendizagem que atendam às determinações do currículo e abordem temas específicos do conhecimento médico. Este instrumento é significado como devendo induzir o raciocínio do estudante de modo que “de sua discussão, os alunos deverão formular objetivos de aprendizagem análogos aos imaginados pelos tutores [...] como necessários para o crescimento cognitivo do aluno dentro daquele tema específico” (IES, 2018, p 11). Essa construção análoga dos objetivos de aprendizagem é evidenciada quando o/a discente afirma que: “na tutoria é assim, a gente é autônomo, a gente mesmo é quem formula os objetivos de aprendizagem, mas o tutor está sempre atento, porque se a gente fugir do tema proposto no problema, ele dá um jeito de trazer a gente de volta” (Disc. 6. 6P).

É possível perceber pelo excerto de fala que por meio da situação-problema a **técnica da automação criativa** é acionada ao mesmo tempo em que os/as discentes aceitam a autoridade do/a tutor/a. E isso significa que essa ação não refere a uma imposição! A **técnica da automação criativa** integrada na situação-problema opera instando os/as discentes a agir criativamente na verificação do próprio processo de autoaprendizagem, mas segundo parâmetros que não são deles/as, não são dados por eles/as. Eles/as criam coisas a mais segundo os parâmetros externos do/a pastor/a. Por meio do que se prescreve para cada situação-problema, os/as discentes performam o que devem aprender por si mesmos/as. A situação-problema é, portanto, apresentada aos/as discentes pelo tutor/a como um caminho supostamente natural e inevitável para a autonomia.

Como analisado até aqui, o poder pastoral exerce um cuidado sobre o grupo de discentes na tutoria por meio de instrumentos como a situação problema. A este instrumento está integrada a técnica da automação criativa que opera fazendo com que os/as discentes sejam criativos e se reconheçam como capazes de controlarem *o que* aprender por si mesmos/as, mesmo que suas escolhas individuais sejam moduladas.

### **1.3 Tecendo algumas considerações**

Na análise desprendida neste trabalho buscamos evidenciar que por meio de estratégias do poder pastoral e técnicas de si - acionadas pelo dispositivo da medicina engajada – são reguladas/moduladas e produzidas experiências que o/a discente tem de si mesmo/a como sujeito dito autônomo/a/ativo/a. Observamos que por meio da técnica–da automação criativa, o/a discente é sujeitado/a a uma verdade sobre seu processo de autoaprendizagem. Como evidenciado na análise, essa verdade está atrelada a *o que* aprender por si mesmo/a.

Observamos também que é em relação a essa verdade que o/a discente constitui uma experiência de si, isto é, ele/ela se torna visível a si mesmo como podendo e devendo ser

pensado como um sujeito autônomo/ativo. Ademais, evidenciamos que esse processo de constituição da experiência singular do/a discente no currículo não está vinculada a uma “escolha irreduzível da existência” (GROS, 2004, p. 620). Esta constituição acontece em meio a relações de poder.

Desse modo, ao acionar a automação criativa o poder pastoral subjetiva, assujeitando (GALLO, 2017). Dito de outro modo, o poder pastoral subjetiva tornando o/a discente *sujeito/a* a uma verdade sobre si mesmo/a, sobre seu processo formativo. E com isso concluímos que “o poder pastoral em sua tipologia, em sua organização, em seu modo de funcionamento” (FOUCAULT, 2008, p. 197), é sem dúvida algo de que não estão libertos/as os/as discentes do curso de graduação em medicina da IES.

## Referências

CANDIOTTO, Cesar. Cuidado da vida e cuidado de si: sobre a individualização biopolítica contemporânea. **Dissertatio**, [34] 469 – 491, 2011;

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e linguagem**. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993, p. 203-223;

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995, p. 231-249;

FOUCAULT, Michel. Subjetividade e verdade (1980-1981). In: FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar; 1997, p. 107-115;

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População: Curso dado no College de France (1977-1978)**. Tradução Eduardo Brandão. Martin Fontes, São Paulo, 2008;

FOUCAULT, Michel. **L’Origine de l’herméneutique de soi** – conférences prononcés à Dartmouth College, 1980. Paris: Vrin, 2013;

GALLO, Sílvio. Biopolítica e subjetividade: resistência? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 33, n. 66, p. 77-94, out./dez. 2017;

GROS, F. Situação do curso. In: FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.613 – 661;

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86;

ROSE, Nikolas. (1988) “Governando a alma: a formação do eu privado”. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **Liberdades reguladas**. Petrópolis: Vozes, 1998, p.30-45;

SANTOS, Lucíola Licínio Paixão; PARAÍSO, Marlucy Alves. Dicionário Crítico da Educação: Currículo. **Presença Pedagógica**. V. 2, n. 7, p. 82-84. 1996.

IES. **Projeto Pedagógico do curso de Medicina**. Cidade/Estado, 2017;

IES. **Guia do Professor**. Cidade/Estado, 2018.